

As mulheres e a cultura escrita dos séculos XVI ao XVIII

Uma antologia improvável: a escrita das mulheres (séculos XVI a XVIII).

ANASTÁCIO, Vanda (Org.).

Lisboa: Relógio D'Água, 2013. 623 p.



Esta obra tem licença *Creative Commons*.

Pensar o título de uma obra, muitas vezes, pode ser tarefa complicada, principalmente para aqueles que se dispõem a compilar um conjunto de textos variados na sua tipologia e organizá-los sob uma determinada ótica. Por isso, essa *Antologia* poderia se chamar, pacificamente, de "Antologia sobre a cultura e sua relação com as mulheres portuguesas" ou o "O feminino entre os séculos XVI a XVIII"; mas nomear essa obra de "improvável" já demonstra, por si só, o quão insólito e desconcertante é abordar os estudos sobre as mulheres em Portugal antes do século XIX, trabalho que Vanda Anastácio, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, soube perceber tão bem através de uma obra que condensa vários anos de pesquisa em torno das mulheres escritoras dos períodos medieval e moderno. Tal *Antologia Improvável* nasce como parte integrante do projeto *Portuguese Women Writers*, tentando cumprir, tanto quanto possível, a integridade de vários textos selecionados, assinalando cortes, demonstrando uma panorâmica variada, bem como se preocupando com a leitura fluente do leitor moderno e o respeito pelos correspondentes fonéticos da língua dos séculos XVI a XVIII, como assim justifica a organizadora ao falar dos critérios que presidiram essa obra: "reunir elementos que contribuíssem para ilustrar a relação entre as mulheres e a cultura escrita neste universo, pelo que se privilegiaram as reflexões sobre aprendizagem, escrita, leitura e posse de livros".¹

Antologia Improvável, obra escrita com a colaboração de Inês de Ornellas e Castro, Isabel Morujão, Hugo Neto e Pedro Sena Lino, apresenta, logo no índice, um caminho que percorre temas como: "I – A mulher e cultura escrita: discursos masculinos" (única parte na qual nos deparamos apenas com textos escritos por homens e suas visões sobre as mulheres), "II – Polêmicas e quere-

las", "III – Mulheres e cultura escrita: discursos femininos" e "IV – Roteiro bibliográfico", sendo cada uma dessas três seções acompanhada de um pequeno estudo introdutório, o qual tem como objetivo direcionar melhor a leitura e levar o leitor a refletir sobre a possibilidade de uma historiografia literária portuguesa anterior a 1900 feita exclusivamente por mulheres. Com cerca de 100 autoras e autores (incluindo diversos textos anônimos) selecionados, esta obra demonstra quantitativamente a envergadura desse trabalho que nos vai dando a conhecer diversas escritoras e textos importantes de homens sobre a condição feminina dentro do campo português dos séculos XV a XIX – campo esse, segundo explicita Anastácio, no sentido *latto*, que abrange as fronteiras linguísticas do espaço cultural, que, no caso de Portugal, através da expansão marítima e depois, durante o domínio Filipino, variaram ao longo do tempo. Outro fator importante a destacar é que o critério que presidiu essa seleção de textos teve como cerne apresentar a relação das mulheres com a cultura escrita, privilegiando, efetivamente, reflexões em torno da aprendizagem, escrita, leitura e posse de livros.

A organizadora nos leva a questionar, assim, o porquê da escassez de referências de autoras nos manuais de história da literatura portuguesa. Anastácio chega à conclusão que estudar a história das mulheres, no período histórico inserido em sua antologia, é refletir a partir do conceito de "silêncio", seja ele o dos historiadores, ou o dos textos em circulação e fontes conservadas, demonstrando ser aquele recomendado às mulheres por representantes eclesiásticos e monárquicos que refletem as matizes culturais portuguesas (greco-latinas e judaicas-cristãs) que têm como base a separação dos sexos como função "dos princípios organizadores da vida em sociedade".² Apesar do acesso à escolarização, mesmo em ambientes como os conventos, Anastácio faz uma ressalva importante no que diz respeito aos tipos de instrução que deveriam ter as mulheres, de acordo com a sua camada social:

Quando se trata de rainhas, princesas e senhoras das camadas mais elevadas da sociedade, a familiaridade com a leitura e com a escrita, o conhecimento do latim e até a aprendizagem de outros idiomas são apresentados como dados adquiridos e vistos como ocupações moralmente intocáveis.³

Como exemplificação, esta obra apresenta diversos casos problemáticos em torno da condição da mulher e seu real papel na sociedade. Vejamos: o excerto de João de Barros (1522-1553) evidencia a ideia da periculosidade das mulheres, dado o seu pouco saber – estereótipo que podemos associar ao mito de Pandora:

Assi que digo que as mulheres tem mui pouco constância, e muitas delas são vãs. E de sua natureza tem no princípio Presença, no mero Desacordo, no fim vergonha. E commumente viveu per paixão e não per razão. E não deixarão de falar ao som de sua vontade [n]em que os matem. E dizem que não tem outra arma senão a língua. Como defeito não há vibora que tenha tanta peçonha como a língua de ua mulher quando está merencórea.⁴

Por sua vez, Frei Luís dos Anjos (1580-1625) constrói seu discurso em caráter elogioso em relação às grandes mulheres fazendo uma ressalva ao referir a Infanta D. Maria, avantajada nas letras e, independentemente da nobreza que possuía, cuja principal qualidade era a seguinte: “Além das muitas heroicas virtudes que nela resplandeciam e grande exemplo de honestidade em que perseverou no estado virginal até a morte”.⁵ Ou seja, uma das qualidades femininas está ligada ao seu estado de pureza virginal, à imagem de Virgem Maria, único modelo permitido socialmente, angustiante na sua impossibilidade, visto nenhuma mulher poder ser mãe e virgem simultaneamente. Por isso encontramos vários textos dedicados, ou com exaltação, à Virgem, como no caso do excerto de Soror Maria Benta do Céu (1766),⁶ ou assumindo-se como a Virgem que espera o seu esposo divino, Cristo e/ou o Espírito Santo, como se identifica no texto de Soror Mariana da Purificação (1623-1695).⁷

Essa *Antologia* também dá destaque às querelas que se instauraram entre homens e mulheres, que muitas vezes escolheram o folheto de cordel para fomentar um conjunto de debates e ideias junto a um público mais alargado, bem como para assegurar anonimidade. Encontramos, a título de exposição, o folheto do século XVI de Baltasar Dias (1540), *Malícia das Mulheres*, e a réplica por Paula Graça (1730) num folheto intitulado *Mulheres Vendicada e Malícias dos Homens Manifesta*, no qual a autora refuta as posições misóginas de Baltasar. Tal temática é tão melindrosa que em 1790 vem a lume uma obra intitulada *Tratado sobre a igualdade dos sexos, ou Elogio do merecimento das mulheres*, de autoria de um “Amigo da Razão”, que, por trás do anonimato, defende e elogia as mulheres portuguesas, tentando exaltar a sua imagem,

mostrando exemplos como o de Bernarda Ferreira de Lacerda (autora também privilegiada nessa coletânea), no sentido de desconstrução e favorecimento da imagem feminina.⁸

É certo que a maioria dos textos que compõem essa obra se devem a mulheres religiosas que alcançaram – algumas ainda em sua época, outras posteriormente – alguma notoriedade, como Soror Maria do Céu (fl. 1766), com autobiografias/biografias,⁹ textos devotos¹⁰ e de caráter instrutivo,¹¹ e Soror Violante do Céu (1601-1693), com poesia de caráter político e nuances de poesia profana.¹² Contudo, destacamos um excerto de Soror Maria de Mesquita Pimentel (1581-1661), mais precisamente a licença de Frei Damaso da Apresentação (fl. 1639), que, admirado com a sua epopeia religiosa, intitulada *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (1639), refere que tal erudição em matérias da Santa Teologia, como Pimentel demonstra, sem nunca ter cursado escolas, só poderia dever-se a intervenção divina, visto que lhe falou Deus ao coração, e a escritora ouviu atentamente o que o seu divino Esposo lhe ditou: “pode presumir que dos altos e soberanos pensamentos que da divina voz concebeu, nasceu este parto tão prodigioso”.¹³ A incredibilidade de um gênio feminino poder construir uma obra tão significativa é reveladora de uma visão misógina que teria sempre como meta a comparação com o masculino ou uma intervenção mística. A própria Soror Pimentel assume esta ideia de inferioridade feminina tomando a excepcionalidade de sua escrita como trabalho de dotes divinos, mas esclarece que essa intervenção divina vem de uma outra mulher, a Virgem Maria: “por sua divina interceção espero recebaeis meus entranháveis afeitos que em este assunto vos consagro”.¹⁴ Este estereótipo de inferioridade seria importante de assumir-se pelas próprias mulheres para que suas obras pudessem ser admitidas, muitas vezes pelos inquisidores; por isso, aceitar os papéis condicionantes na sociedade não queria dizer limitar-se intelectual e culturalmente. E por isso é compreensível que, na nota da tradução da *Arte Poética* feita por Rita Clara Freire Andrade (1758-1796?) – a mesma obra traduzida pela Marquesa de Alorna (1750-1839) no começo do século XIX –, se diga: “fiz o que os meus diminutos talentos permitiam nesta tosca tradução [...] a lembrança de tão excelente obra”.¹⁵ Nesse pequeno trecho, estamos diante de uma dicotomia que se resvala também em estratégias de aceitação social e de favorecimento da obra: apesar de sua tradução não ser assinalavelmente rigorosa, a obra que se traduz é de suma importância, despertan-

do, assim, nos eventuais leitores, o desejo de a ler, mesmo sendo traduzida por uma mulher.

Em suma, podemos concluir que essa obra propõe discutir, entre tantos assuntos ligados aos estudos de gênero, as resistências às concepções dominantes de feminilidade e masculinidade que desembocam em discussões como, por exemplo, a ideia de escrita feminina. O que Vanda Anastácio conclui com esse compêndio extremamente rico, valoroso e denso para a história das mulheres em Portugal é que nos séculos abordados (XVI-XVIII) nos deparamos não necessariamente com um tipo de "escrita feminina", mas, certamente, encontramos gêneros literários eleitos pelas mulheres, visto que elas os usavam com bastante frequência, como, por exemplo, as cartas, os prólogos, as dedicatórias, as poesias líricas, as autobiografias/biografias, as novelas alegóricas, as máximas, as orações e os textos de edificação. Por isso, essa é uma obra fundamental para a historiografia literária portuguesa, porque nos permite ter um alcance de textos ignorados ou invisíveis historicamente, demonstrando o quão rico era as produções femininas antes do século XIX em Portugal.

Notas

- ¹ Vanda ANASTÁCIO, 2013, p. 21.
- ² ANASTÁCIO, 2013, p. 29.
- ³ ANASTÁCIO, 2013, p. 30.
- ⁴ João de BARROS, 2013, p. 50-51.
- ⁵ Luís dos ANJOS, 2013, p. 59.
- ⁶ Soror Maria Benta do CÉU, 2013, p. 1312-1313.
- ⁷ Soror Mariana da PURIFICAÇÃO, 2013, p. 325-327.
- ⁸ ANÔNIMO, 2013, p. 259-260.
- ⁹ ANASTÁCIO, 2013, p. 395.
- ¹⁰ ANASTÁCIO, 2013, p. 350.
- ¹¹ ANASTÁCIO, 2013, p. 365-370.
- ¹² Soror Violante do CÉU, 2013, p. 526-533.
- ¹³ Damaso da APRESENTAÇÃO, 2013, p. 56.
- ¹⁴ Soror PIMENTEL, 2013, p. 299.
- ¹⁵ Rita Clara Freire ANDRADE, 2013, p. 315.

Referências

ANDRADE, Rita Clara Freire. "Ao Leitor". In: ANASTÁCIO, Vanda. *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 314-315.

ANJOS, Luís dos. "A Infante Dona Maria de Lisboa com algumas mulheres outras". In: ANASTÁCIO, Vanda. *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 59-61.

APRESENTAÇÃO, Damaso da. "Licença". In: ANASTÁCIO, Vanda (Org.). *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 56.

BARROS, João de. "Quarta rezaõ contra o matrimónio. Por a simpreza das mulheres". In: ANASTÁCIO, Vanda (Org.). *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 50-52.

CÉU, Soror Maria Benta do. "Prólogo à soberana, e sempre imaculada Virgem Maria". In: ANASTÁCIO, Vanda (Org.). *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 312-313.

CÉU, Soror Violante do. "Excertos de poemas". In: ANASTÁCIO, Vanda (Org.). *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 526-533.

PIMENTEL, Soror. "Dedicatória à Serenissima Virgem Maria mão de Deus e Senhora nossa". In: ANASTÁCIO, Vanda (Org.). *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 299-300.

PURIFICAÇÃO, Soror Mariana da. "Ando ardendo sempre no Divino fogo". In: ANASTÁCIO, Vanda (Org.). *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 325-327.

"TRATADO SOBRE A IGUALDADE DOS SEXOS". In: ANASTÁCIO, Vanda. *Uma Antologia Improvável. A escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 247-261.

Fabio Mario da Silva ■
Universidade de São Paulo